

O NORDESTINO, A USINA E A CIDADE TRABALHO E MIGRAÇÃO NO “MAR DE CANA”

Bruno César Pereira¹

Resumo: O presente texto propõe realizar uma reflexão acerca da migração nordestina para o "mar de cana", região metropolitana de Ribeirão Preto (nordeste do Estado de São Paulo), em especial, dedicaremos atenção aos migrantes no município de Orlandia. Esta cidade, e região, desde as décadas finais do século XX tem recebido um considerável número de migrantes nordestinos, e isto acarretou em diversas implicações no contexto urbano, social, cultural e econômico, destes espaços. Isto pode ser observado a partir de uma série de estudos científicos realizados pela Ciências Humanas e Sociais. Esta temática tem sido debatida a anos sobre diferentes reflexões teóricas e empíricas, contudo, existem pouquíssimos estudos consolidados da área da História sobre a migração nordestina nas regiões interioranas do Estado de São Paulo (ao contrário do que ocorre com a região metropolitana e capital paulista, que avoluma-se o número de estudos sobre a migração), desta forma a presente comunicação busca refletir sobre a migração a partir dos pressupostos científicos (teóricos e metodológicos) da História. Assim, em um primeiro momento, realizaremos, a partir de um estudo historiográfico sobre a região do "mar de cana" (utilizando estudos das Ciências Sociais, com destaque a Sociologia), uma análise sobre o processo histórico de desenvolvimento econômico deste espaço a partir ampliação do complexo canavieiro nas últimas três décadas do século XX (1970-2000), a partir, dos investimentos e concessões por parte do governo paulista e governo federal (em especial a partir do programa Proálcool, que consistia no oferecimento de incentivos fiscais e empréstimos bancários com juros abaixo da taxa de mercado para os produtores de cana de açúcar adquirirem novas terras para o plantio e novas tecnologias). Em sequência, a partir da narrativa dos migrantes e de alguns estudos científicos, buscaremos analisar e problematizar aspectos acerca do trabalho nos canaviais, como: as relações de tensão entre trabalhadores e empregadores, o corte da cana e suas implicações a saúde dos cortadores (física e mental), assim como daremos atenção a aspectos do cotidiano migrante fora dos canaviais (residências e espaços de lazer). As reflexões expostas ao longo deste texto fazem parte de minha dissertação de mestrado (Capítulo I - “Na época quando eu vim já tinha, tinha poucos, mas tinha, aí foi se chegando muito mais”: narrativas de migrantes nordestinos na cidade das avenidas), as entrevistas, que serão utilizadas para a reflexão no segundo item, que tratará acerca do trabalho, foram coletadas com migrantes nordestinos entre os meses de dezembro de 2019 e março de 2020, no município de Orlandia-SP. Para a escrita deste artigo, utilizaremos estudos teóricos e historiográficos que debatem e relacionam as seguintes temáticas: migração nordestina, trabalho e violência (física e simbólica), assim nos utilizaremos das reflexões de autores (as) como: Rosana Baeninger, Eunice Sueli Nodari, Maria Aparecida de Moraes Silva, José Roberto Noaves, Neiry Primo, Alessi, entre outros (as).

Palavras-chave: Migração, Trabalho, "Mar de Cana"

1 Mestrando em História - Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus Irati

1. O “mar de cana”

Existe uma razoável produção científica que aborda a questão da migração nordestina no Brasil. Na História, na Geografia, na Sociologia e na Antropologia, avolumou-se a preocupação com a discussão e compreensão deste fenômeno a partir de diferentes abordagens teóricas.

Este fenômeno histórico, a migração nordestina, como é discutido pelos sociólogos Wilson Fusco e Ricardo Ojima², ocorreu ao longo de vários momentos nos últimos séculos (XIX, XX e XXI). Como pode ser observado, a partir das análises destes pesquisadores, estes migrantes se deslocaram para todas as regiões do Brasil, contudo a migração para a região Sudeste, em especial para o Estado de São Paulo, merece destaque.

Ao longo do século XX, centenas de milhares de nordestinos dirigiram-se ao Estado de São Paulo, como nos evidencia Paulo Roberto Fontes³ acerca da migração, na primeira metade do século XX, a maioria dos migrantes teve com destino a capital e região metropolitana de São Paulo. Contudo, este cenário iria mudar a partir da década de 1970.

A partir desta década, seria o interior paulista que passaria a receber a grande maioria dos migrantes oriundos da região Nordeste. Isto ocorreria por que o interior paulista passou a se caracterizar como importante polo econômico e, desta forma, se tornaria também uma área de grande atração populacional, principalmente de migrantes nordestinos.

Partindo das análises de Rosana Baeninger, ao debater acerca do contexto dos movimentos migratórios interestaduais para o Estado de São Paulo, na década de 1970, a pesquisadora identifica que, a atração de migrantes para o interior paulista, se deu pela desconcentração industrial da região metropolitana da capital e a instalação de novas (e o desenvolvimento das antigas) indústrias na região interiorana. Este movimento (“interiorização do desenvolvimento”) ocorreria nas

2 Não conseguiríamos citar todos os estudos sobre esta temática, contudo, a partir do mapeamento realizado por Dirce de Abreu et al [ABREU, Dirce de; MORAES, Luiz Antônio de, NASCIMENTO, Edinalva Neves; OLIVEIRA, Rita Aparecida de. A produção da cana-de-açúcar no Brasil e a saúde do trabalhador rural. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 09, n. 02, 2011, p. 49-61] e Galiano et al [GALIANO, André de Mello; VETTORASSI, Andréa; NAVARRO, Vera Lúcia. Trabalho, saúde e migração nos canaviais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores? **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 37, n. 125, 2012, p. 51-64], destacamos quatro estudos que merecem destaque: Alessi e Scopinho [ALESSI, Neiry Primo.; SCOPINHO, Rosemeire A. A saúde do trabalhador do corte de cana-de-açúcar. In: ALESSI, Neiry Primo. **Saúde e trabalho no Sistema Único de Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 121-151]; Novaes e Alves [NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCar, 2007]; Silva [SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A morte ronda os canaviais paulistas. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**, v. 33, n. 02, 2006, p. 111-144] e Alves [ALVES, Francisco. Porque morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 03, 2006, p. 90-98].

3 Especificamente sobre este ponto, a falta de políticas públicas de atenção social, de saúde e de saúde mental, consultar as reflexões de Maria Sílvia de Moraes e Roseana Mara Arede Priuli (MORAES, Maria Silva de; PRIULI, Roseana Mara Arede. Migração e Saúde: os trabalhadores do corte da cana de açúcar. **Revista Interdisciplina de Mobilidade Humana - REMHU**, a, 09, n. 37, 2011. p. 231-245).

[...] áreas mais dinâmicas [...] em função dos seguintes fatores: implantação de refinarias de petróleo nas regiões de Campinas e de São José dos Campos e consolidação do principal pólo petroquímico do país na região Litoral; implementação do PROALCOOL, com maiores reflexos nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto; implantação dos institutos de pesquisa e de grandes plantas dos setores eletrônicos, de informática e de telecomunicações na região de Campinas; implantação do complexo aeronáutico e militar no Vale do Paraíba.⁴

Baeninger ainda destaca que, com a pavimentação das principais rodovias que ligavam a capital ao interior (e a outros estados) - como a Via Anhanguera – facilitou o desenvolvimento e o processo de migração para a região interiorana do estado.

São Paulo, nas décadas seguintes (1980-2000), ainda seria o principal Estado de destino de migrantes nordestinos e, se tratando do interior paulista, mais especificamente da região metropolitana de Ribeirão Preto, esta região receberia milhares de migrantes, especialmente a partir da década de 1980 devido à alta demanda de mão-de-obra para o trabalho na cana de açúcar.

André de Mello Galiano⁵, destaca, que a partir da crise energética de 1973, o preço do petróleo se elevou no mercado internacional, e partir disto, a produção de álcool foi estimulada pelo governo brasileiro, chegando a criar o chamado Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL) em 1975.⁶

Galiano, destaca que, "para atender à expansão da produção, o setor canavieiro do Estado de São Paulo, [usineiros] atrairiam trabalhadores da região Nordeste do Brasil, do Norte do Paraná e do Vale do Jequitinhonha [...]".⁷ No final do século, década de 1990, a maioria dos trabalhadores nos canaviais da região metropolitana de Ribeirão Preto, eram de origem nordestina e possuíam como característica marcante serem "volantes", ou seja, trabalhadores que partem de sua cidade natal no Nordeste, para trabalhar no corte da cana no Estado de São Paulo, ao finalizarem a safra (período de colheita) regressavam às suas

4 Manoel Ferreira, 24 anos, soldador industrial, natural de São João Belmonte-PE. Entrevista realizada em sua residência, em Sales Oliveira (cidade vizinha), em 20 de fevereiro de 2020.

5 Tays Coelho de Assis, 24 anos, conferente de mercadorias, natural de Arozes-PI. Entrevista realizada em sua residência (Bairro Jardim Boa Vista), em 14 de março de 2020.

6 Os chamados "recrutadores", também conhecidos por outras expressões, como: arregimentadores, atravessadores, *turmeiros* ou *gatos*, eram os sujeitos responsáveis por irem às cidades, geralmente cidades interioranas, dos estados da Paraíba, Pernambuco, Piauí, Maranhão e outros do Nordeste e recrutarem os trabalhadores. Estes indivíduos, no contexto orlandino, além de "formar as turmas", também seriam responsáveis por alugar as moradias para os safristas, fazer adiantamentos em dinheiro, "dar seu nome" em estabelecimentos comerciais para que os trabalhadores comprassem "fiado". E geralmente executavam a atividade de empreiteiros, patrões dos trabalhadores nos canaviais, neste espaço, estes patrões traçavam a metas individuais (distribuíam as "ruas" no canavial), anotavam a quantidade cortada.

7 João Matias Barbosa, 56 anos, ex-safrista, atualmente pedreiro, natural de Bacaber-MA. Entrevista realizada em sua residência, avenida U, em 16 de fevereiro de 2020.

idades de origem, estes migrantes fixavam moradia nas cidades paulistas apenas no período que estavam trabalhando na colheita da cana.

Maria Aparecida de Moraes Silva, ao analisar o Complexo Agroindustrial Canavieiro da região de Ribeirão Preto – a qual engloba vinte e cinco municípios - destacou que “tal região em meados dos anos 2000, era responsável por cerca de 30% de toda produção de álcool e açúcar brasileiro”, ao todo, a região canavieira possuía uma área de 384.758 hectares de cana-de-açúcar. “Em 2004, em entrevista ao jornal paulista Folha de São Paulo, o então governador do Estado Geraldo Alkimin, se referiu a esta região como um ‘mar de cana’, que produzia diariamente um ‘rio de álcool’”⁸.

Em dados, um pouco mais atualizados, coletados pela pesquisadora Ana Luiza dos Santos Costa, a região de Ribeirão Preto no ano de 2010 possuía aproximadamente 1.265.617 hectares, três vezes mais que no início dos anos 2000. Contudo, mesmo com o aumento em hectares, esta região, em 2010, passou a corresponder apenas a 20% da produção nacional, isto se deu, devido ao aumento e ampliação de plantações de cana de açúcar em outras regiões do país (COSTA, 2011, p. 36-37).⁹

A colheita da cana de açúcar, como já explicitado, atrairia centenas de milhares de migrantes nordestinos, e um dos municípios da região do “mar de cana” que receberia tais migrantes seria Orlândia (localizada a 56 km da cidade de Ribeirão Preto).

Estes migrantes, de modo geral, em Orlândia, passariam a compor o cotidiano desta cidade desde o final da década de 1970. Em um primeiro momento, os migrantes nordestinos, do fluxo migratório de 1980-2010 – objeto deste estudo, caracterizavam-se como volantes, mas, com o tempo, muitos fixaram-se na cidade, e passaram a viver em Orlândia, para além dos meses de duração da safra, estes migrantes passariam a desenvolver outras atividades empregatícias (na construção civil, na extração da palha para confecção de cigarros artesanais, na colheita de café, algodão, laranja, etc.).

São estes migrantes, os que ficaram, que nos concederam entrevistas para a realização deste estudo. Partindo de suas narrativas, poderemos compreender um pouco melhor as complexas relações do trabalho no canavial e suas implicações na saúde em suas trajetórias de vida.

8 João Barbosa chegaria em Orlândia no ano 2006, sua chegada em Orlândia foi um tanto conturbada. O recrutador responsável por sua turma, 21 maranhenses, vindos de São Luís, primeiro desembarcariam na cidade de São Joaquim (município vizinho), contudo, o recrutador não conseguiu uma residência para todos, e teve de leva-los a Orlândia. Na cidade de Orlândia foram deixados no Jardim Santa Rita, região periférica do município, não tinham para onde ir e não sabiam o que fazer, “ficaram jogando nós pra um lado e pro outro igual merda n’água, perdão da palavra”. Foi somente com a entrada de outro recrutador que o problema de seu João e de seus vinte colegas seria resolvido, como nos narra “[...] Cidão [o recrutador] foi um pai e... foi um pai pra nós, ele que pegou as carteiras [de trabalho] nossa, correu para as usinas, que já estava na safra né, foi lá pra botar nós pra poder trabalhar pra nós comer”, foi também Cidão que alugou uma pequena residência com 3 cômodos (quarto, cozinha e banheiro) para hospedar João e seus companheiros.

9 João Carlos Barbim, 61 anos, paulista, farmacêutico. Entrevista realizada em seu estabelecimento comercial (Drogaria Santa Rita), avenida W, em 04 de fevereiro de 2020.

O estudo apresentado aqui, corresponde a parte de uma dissertação de mestrado em História. E, tanto a dissertação, quanto o presente estudo, utiliza-se das metodologias da História Oral, partindo dos pressupostos teórico-metodológicos de Alessandro Portelli. As entrevistas aqui, utilizadas como fontes/narrativas, foram coletadas entre os meses de dezembro de 2019 e março de 2020, elas tratam sobre as trajetórias de vida de migrantes nordestinos que vivem ou viveram na cidade de Orlandia, em especial em sua periferia (Zona Leste orlandina).

Assim, partindo de perspectiva de Portelli¹⁰, buscaremos, ao longo deste texto, dar destaque às vivências e as interpretações destes migrantes sobre as questões que envolvem o trabalho no canavial, seu cotidiano, assim como a relação dual entre o lucro gerado pelo trabalho nos canaviais e suas implicações à saúde.

2. “A cana dá, mas ela também tira”: Consideração acerca das experiências de migrantes nordestinos nos canaviais do “mar de cana”

A relação, migração-trabalho, se tratando do trabalho com a cana de açúcar marca as trajetórias e narrativas de migrantes que optaram por ficar na cidade de Orlandia. Partindo disto, buscaremos aqui, explorar questões como o trabalho no canavial, a dualidade da relação perda e lucro trazido pelo corte da cana e também dedicaremos parte de nossas discussões as questões que envolvem as residências nas quais estes migrantes moravam em Orlandia.

Ao longo das últimas décadas, se avolumou o número de trabalhos que discutem sobre saúde e exploração do trabalho de migrantes nos canaviais paulistas¹¹. Estas investigações, em sua maioria, apontam para a falta, ou melhor, a inexistência de políticas públicas de atenção social, de saúde e de saúde mental para os cortadores de cana.¹²

10 Maria Dalva dos Santos Borges, 62 anos, costureira, natural de Novo Oriente-PI. Entrevista realizada em sua residência, avenida Y, em 17 de fevereiro de 2020.

11 Sobre os estudos exploratórios destacamos: Pereira e Lourenço [PEREIRA, Bruno César; LOURENÇO, Alexandra. "Não vejo eles como diferentes, só não vejo aqui como o lugar deles": Análise do poder simbólico presente nas relações sociais entre estabelecidos e outsiders em Orlandia-SP. **Cidades, Comunidades e Territórios (Portugal)**, v. 36, 2018, p. 56-67]; Pereira e Vaz [PEREIRA, Bruno César; VAZ, Vania. "Violência, desordem e bebedeiras": a construção da imagem do clube Forrólandia no município de Orlandia-SP (2000-2010). In: SILVESTRE, Luciana Pavowski Franco. **Estado e Sociedade frente às Questões Sociais**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 35-45] e Pereira [PEREIRA, Bruno César. Periferia, migração e cotidiano: notas acerca da inserção de migrantes nordestinos em um pequeno município paulista (1990-2010). **Revista de História UEG**, v. 09, n. 01, 2020, p. 1-10].

12 Sobre esta questão, um importante estudo historiográfico, que pode ser tomado como base para produções futuras sobre a temática "migração e as relações como moradores locais", é *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*, de Durval Muniz [ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012].

Teodorio Rogério Júnior, em seu livro *A gente leva o dinheiro, mas fica o couro* realiza uma longa reflexão acerca da experiência de cortadores do município piauiense de Elesbão

Veloso na região do “mar de cana”¹³. Em suas discussões, o pesquisador investiga: as motivações para migrar, as cidades escolhidas, as moradias, a saúde dos trabalhadores, as pressões pela produtividade, o uso do dinheiro ganho no corte da cana e as atividades desenvolvidas após o término da safra.

Especificamente sobre a relação trabalho e saúde dos migrantes, Rogério Júnior destaca que o trabalho nos canaviais provocava

[...] inúmeras doenças de ordem tanto física quanto biopsíquica. No primeiro caso, a agressão aos pulmões de trabalhadores, causadas pela fuligem da cana, à coluna vertebral, dentre outras, tornam inúmeros trabalhadores inválidos. No segundo caso, podem referir doenças que configuram padrões de desgaste manifestando-se, por exemplo, em tensão nervosa, úlcera e hipertensão.¹⁴

Raimundo Nonato¹⁵, ao lembrar sobre o trabalho nos canaviais, destaca a exaustão e por muitas vezes comenta que a carga horária ultrapassou as 10 horas de trabalho. Esta exploração, segundo ele, visava, por parte dos patrões, o cumprimento de metas – estabelecidas pelos mesmos patrões.

Olha, muitas vezes, a gente tava socado nesse mundo aí, escurecendo, a gente falava de ir embora, ele [o empreiteiro] falava não enquanto vocês não me der produção não vai embora não, se não queria trabalhar por que não ficou em casa, se não quer o serviço já sabe, a gente era obrigado a trabalhar até no escuro, chegava em casa a mulher preocupada, o que aconteceu? Tinha que produzi, cortar muita cana, já eles [os empreiteiros] estavam no busão batendo papo, ‘deixa eles trabalhar’.¹⁶

Os resultados, desta exploração, eram sentidos nos corpos, muitas vezes, de forma imediata, através das câimbras. Segundo Francisco Alves, em média um trabalhador cortava até doze toneladas de cana de açúcar diariamente, andaria uma média de oito quilôme-

13 Francisco Chagas de Araújo, 65 anos, aposentado, natural de Aroazes-PI. Entrevista realizada em sua residência, Bairro Jardim Teixeira, em 20 de março de 2020.

14 Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus Irati (2018). Atualmente realiza mestrado em História na mesma instituição de ensino superior. E-mail: bruno_o8cesar@outlook.com

15 OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. **Migrações nordestinas no século 21: um panorama recente**. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2015, p.11-26.

16 FONTES, Paulo Roberto. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais**: São Miguel Paulista (1945-1966). Tese (Doutorado em História), Campinas: Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002.

tros e realizaria mais e cento e trinta mil golpes de "podão" (facão utilizado para o corte da cana) e perderia em média oito litros de água, devido ao esforço físico e o forte calor.

A perda de água e sais minerais leva à desidratação e à freqüente ocorrência de câimbras, que começam em geral pelas mãos e os pés, avançam pelas pernas, chegando ao tórax, acometendo todo o corpo, causando o que os trabalhadores denominam de 'birola'. Essa câimbra provoca muita dor e paralisia total do trabalhador, semelhante a um ataque nervoso (ALVES, 2006, p. 34).¹⁷

Manoel Ferreira¹⁸, nos relata que seu pai, que chegaria a Orlândia no final do século XX e trabalharia no corte da cana até meados de 2010, “[...] sempre que chegava do trabalho, chegava muito exausto, com muita câimbra, praticamente todos os dias”. Tays Coelho¹⁹, outra migrante entrevistada, evidencia que esta mesma situação, a “exaustão”, ocorria com seus tios, que trabalhavam no corte da cana desde o início dos anos 2000.

Raimundo nos esclarece que para aliviar a “birola”: “Chegava em casa, se jogava no chão, deitava no chão frio, cimento, jogava o corpo ali, tirava camisa e tudo e ficava ali deitado, descansar um pouco, o chão frio aliviava”, o entrevistado salienta que tinha que “passar rápido”, por que logo “quando parasse as câimbras tinha que levantar e ir lavar roupa, pra no outro dia tá pronto, lavar e enxugar porque quando pegava o tempo frio, ia trabalhar com a roupa molhada, porque não secava”.

A câimbra, como supracitado, era apenas um dos sintomas imediatos da exploração nos canaviais. A longo prazo outros problemas apareceriam, como os problemas pulmonares devido a inalação da fuligem, na coluna vertebral devido a posição do corpo e as várias horas nesta mesma posição, assim como outros problemas com a saúde mental dos trabalhadores.

Raimundo Nonato, a partir de sua narrativa, destaca que a exploração no canavial se agravava nos alojamentos, pois

[...] não tinha um lugar adequado pra você chegar e descansar, não tinha uma cama boa, não tinha uma alimentação boa, você não descansava direito, então tudo isso prejudicava a gente, em vários setores né, se você não tem uma dormida boa. Não tem uma alimentação boa, não temo como descansar o corpo, isso tudo influência

17 BAENIGER, Rosana Baeninger. São Paulo no contexto dos movimentos migratórios interestaduais. In: _____, **Regiões, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil 1980-1996**. Tese (Doutorado em Sociologia), Campinas: Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002, p. 121.

18 GALIANO, André de Mello. **Trabalho e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto – SP**. Dissertação (Mestrado em Ciências, área de concentração: Psicologia), Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo – USP, 2010.

19 *Idem*, p. 27.

né, no outro dia se tinha que sair de madrugada as vezes levantar três ou quatro horas da manhã tinha que ta, tinha que fazer a marmita, a comida, por que tinha local que cinco, seis, oito, dez ali no cômodo, tinha um que fazia a comida pra semana, então aquele era obrigado a levantar mais cedo da cama por que era a semana dele, então tu faz a comida, a semana é tua, então o cara as vezes tinha que levantar duas horas da manhã pra fazer comida pra mais seis ou dez pessoas, por que todos tem que levar marmita, então era esse o jeito, então era desse jeito, ai o cara não descansava não, aquele descanso aquela coisa, chegava lá, pegava um serviço na cana, além de ser um serviço puxado, tinha que chegar a tarde e já lavar a roupa por que não podia deixar suja de um dia para o outro ai já se batia até tarde lavando roupa então ficava, ficava mais cansado ainda, sei lá, mas tinha que trabalhar, tinha que mandar dinheiro para os familiares que estavam pra lá, mas tinha que trabalhar né, tinha que se sujeitar a isso.

Em um outro momento de sua entrevista, Raimundo recorda que alguns companheiros o relataram na roça (canavial) que no espaço onde estavam morando houve uma infestação de percevejos, e para não piorar tiveram de queimar os colchões que usavam, e acabaram por ter que dormir em redes desde então.

Este relato, evidencia outro problema encontrado pelos safristas (volantes), que remetem aos abusos sofridos por estes trabalhadores. A precariedade com relação as moradias, alojamentos.

Estes safristas, em sua maioria, moravam em espaços conjuntos, barracões ou pequenas casas. A partir de relatos observamos que tais “moradias” alugadas pelos seus recrutadores²⁰, não eram ideais, visto que dividiam apenas uma cozinha, um banheiro, possuíam uma pequena lavanderia, os quartos, ou o quarto – pois na maioria das vezes era apenas um quarto que abrigava dezenas de pessoas – não possuíam camas, os colchões ficavam no chão e estes, os colchões, em alguns casos estavam em péssimas condições (como destacado em parágrafos acima).

Sobre estas moradias coletivas, Raimundo Nonato se recorda de uma, localizada no bairro Jardim Boa Vista, próxima aos barracões da algodoeira e da COMOVE (Companhia Mogiana de Óleos Vegetais) em meados da década de 1990.

[...] tinha o mercado do Zé Boi, era um barracão, do outro lado da rua era um bar, ele fechou uma parte [do mercado] e alugava para nordestino quando vinha [para a colheita da cana], lá a divisão de uma cama para outra era só um pano, então era vários beliche ou uma caminha, você contava de vinte trinta migrante tudo ali. Ali era só nordestino que morava ali dentro, ali tinha bastante, umas quarenta ou cinquenta

20 SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. *Agrária*, n. 02, 2005, p. 2-39. P. 4-5.

pessoa, ali naquela época tinha bastante rede também, que tinha sabe, o pessoal passava muito frio, tio meu, primo meu, teve uns que eu tirei dali de dentro porque eles chegavam, eu já tinha., assim, eu já morava aqui, as vezes eu chegava lá eu via eles deitado nas rede, naquele frio, eu acolhi muitos deles, tios primos, ali tinha bastante.

Estes migrantes eram instalados nesses espaços por seus recrutadores. Havia poucas possibilidades de saídas destes locais. Era necessário a ajuda de um “anjo da guarda”. Estes “anjos”, seriam pessoas, de modo geral migrantes, que já se encontravam estabelecidos na cidade de Orlandia, e por serem conhecidos, ou seja, “terem nomes”, auxiliavam outros migrantes, de maneira geral familiares e amigos, a conseguirem alugar casas.

Como explica Raimundo Nonato:

[...] eles não alugavam, [moradores locais] por que eles tinham medo do nordestino ir embora e não pagar, eles tinham esse preconceito, do nordestino, ‘a eles vai embora e depois vai da o cano’ entendeu? Mas o nordestino sempre foi positivo ali, porque ele sabia que ele tinha que voltar no outro ano, ele precisava, mas acabava ficando tudo em alojamento.

O “não ter nome”, bem como “não ser conhecido na praça”, implicavam para além de questões como ao lugar residências. João Barbosa²¹, ao falar sobre sua ocupação, evidenciou que em sua trajetória em Orlandia, teve dois empregos, o primeiro como cortador de cana e o segundo de pedreiro. Este último era sua atividade no Maranhão, contudo em Orlandia, “Ninguém conhecia, então ninguém me dava serviço e tive que encarar a cana”.

Ely Souza Estrela, em estudo sobre a migração nordestina na capital paulista, na década de 1950, destacou que, com a instalação em definitivo dos migrantes nos espaços urbanos da capital, estes passariam a desenvolver atividades que estavam ligadas diretamente ao espaço urbano (atividades como a construção civil e atividades domésticas). Segundo a pesquisadora, boa parte dos migrantes (quase sua maioria) passaria primeiro por estas atividades, só depois de um tempo, após a consolidação no lugar, conseguiriam trabalhar em outras áreas (em sua pesquisa até mesmo migrantes com experiência em distintas áreas, acabavam passando/trabalhando na área da construção civil).²² Esta situação pode ser observada na fala de João Barbosa, assim como de Raimundo Nonato, que destacou, ao longo de sua entrevista, que independente da “função que ele fazia lá [no Nordeste], aqui

²¹ COSTA, Maria Luiza dos Santos. **A migração piauiense e as atividades sucroalcooleiras em Morro Agudo (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2011, p. 36-37.

²² PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, v. 01, n. 02, 1996, p. 59-72 e _____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, 1997, p. 25-39.

era difícil, pelo menos no começo dele [o migrante] fazer a mesma coisa, aqui a maioria ia pra cana”.

De modo geral, estes homens, os safristas, dedicavam suas vidas, quase que de forma exclusiva ao corte da cana, os poucos momentos que podiam fugir deste cotidiano eram durante os finais de semana, através dos bailes de forró. Outro fator que fazia com que estes aliviassem os estresses era através do álcool. João Barbosa relembra, na época em que morou com seus vinte companheiros em um alojamento alugado por seu recrutador,²³ era comum seus colegas ficarem bêbados, e acabassem brigando entre si, segundo ele o trabalho era extremamente desgastante, e o “beber uma pinga, fazia relaxar, esquecer um pouco as dor, aliviar os machucados do podão, ficar um pouco fora do ar”.

Se por um lado as bebidas alcoólicas ajudavam a “ficar fora do ar”, onde aqui interpretamos como, esquecer os problemas, as dores e a exploração, o consumo excessivo provocaria uma série de problemas para estes trabalhadores, como a gastrite e a dependência, em curto prazo, e problemas mais sérios como cirrose hepática a longo prazo.

Como destacado, haviam pouquíssimos momentos que o trabalhador poderia descansar. As longas jornadas no canavial eram aliadas a precariedade das residências e os abusos por parte dos empregadores. Todos estes fatores aliados, contribuiriam significativamente para o adoecimento dos safristas, deixando marcas nestes migrantes, sejam elas físicas e psicológicas.

Sobre as questões que envolvem o adoecimento físico, Raimundo, ao falar um pouco mais sobre o cotidiano no canavial, lembra com dor das várias vezes que se machucou com o podão. Ao se recordar destes momentos, ele me mostrou as pernas, as mãos, evidenciando as várias cicatrizes do período que trabalhou como safrista.

Cortador de cana é difícil não tem um que não tenha uma cicatriz, ó, ó, ó [mostrando as cicatrizes nas pernas], tudo pinicado, na mão, tudo cana, tudo podão, as vezes cortava lá, eles [o empregador] chegava e falava ‘isso ai não é nada não, amarra um negócio ai e pronto e vai trabalhar’, olha rapaz, olha... ficava pensando, a gente é muito humilhado, mas ai voltava trabalhar, pegava a camisa metia o podão aqui e rasgava um tira amarrava ali, as vezes esbugalhava aqui, ficava na carne viva, a gente pegava juntava e amarrava e eles mandava a gente voltar a trabalhar, isso era muita humilhação pra gente, e eles lá ‘vamo, vamo’.

23 ROGÉRIO JÚNIOR, Teodoro. “A gente leva o dinheiro, mais fica o couro”: a vida e a lida de camponeses piauienses após o trabalho no corte de cana em agroindústrias brasileiras. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

João Barbim²⁴, morador local e farmacêutico, relembra que em sua farmácia, era muito comum migrantes chegarem todos os dias “[...] com uma receitinha, de algum anti-inflamatório, algum analgésico ou antibiótico porque cortou com o podão, ou por que estava com dores musculares, o trabalho era muito cansativo né”.

Sobre o fragmento anterior, da fala de Raimundo, podemos observar outro problema enfrentado pelos safristas, os abusos de poder por parte dos empreiteiros. Ao lembrar sobre o trabalho no canavial, Raimundo relata que os abusos por parte dos empreiteiros agravavam a saúde dos trabalhadores, em especial devido a excessiva carga horária. Ao ser perguntado sobre o empreiteiro com qual trabalhou, Louran, Raimundo Nonato não possui memórias muito agradáveis sobre ele, ou sobre os “empreiteiros” de modo em geral.

[...] as vezes sai de madrugada quando eles pegavam lugar longe, a gente sentado ali, prensado um no outro e tinha que dar produção para eles se não, aquele que não desse produção no outro ano perdia a vaga, trabalhava nesse e no outro ano estava dispensado queria nem saber, e os empreiteiro era assim, era um junto com o outro esses tinham contato um com o outro ai um falava ‘vai pega fulano, fulano num presta’ ai já queimava, falava ‘vai pegar esse piaui ai, esse num presta’ ‘esse piaui é ruim de serviço’, ai nego já inventava uma desculpa e dispensava o cara. [...] Olha, muitas vezes, a gente tava socado nesse mundo ai, escurecendo, a gente falava de ir embora, ele [empreiteiro] falava não enquanto vocês não me der produção não vai embora não, se não queria trabalhar por que não ficou em casa, se não quer o serviço já sabe, a gente era obrigado a trabalhar até no escuro, chegava em casa a mulher preocupada, o que aconteceu? Tinha que produzi, cortar muita cana, já eles [os empreiteiros] estavam no busão batendo papo, ‘deixa eles trabalhar’.

Sobre esta questão, Danielle Milenne Príncipe Nunes, Marcelo Saturnino da Silva e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro (1133), destacam que,

Aqueles trabalhadores que recusam se sacrificar no altar do progresso representado pelo setor canavieiro, e também aqueles que mesmo buscando não conseguem atender as exigências do setor, acabam sendo vistos como fracassados. Até recentemente era comum, no espaço do trabalho, os trabalhadores receberem títulos como “podão de ouro” (os trabalhadores mais produtivos) e “podão de borracha” (os menos produtivos). Estes frequentemente eram motivo de chacotas entre seus companheiros, além de serem desvalorizados por fiscais e recrutadores de turma e terem seus no-

24 ROGÉRIO JÚNIOR, Teodorio. “**A gente leva o dinheiro, mais fica o couro**”: a vida e a lida de camponeses piauiense após o trabalho no corte de cana em agroindústrias brasileiras. Jundiá: Paco Editorial, 2016, p. 21.

mes inscritos nas listas negras das usinas, marcados pela “pouca produção” para serem descartados nas safras futuras.²⁵

João Barbosa, ao relembrar sobre os anos que trabalhou no corte da cana também comenta sobre a exploração.

[...] o que me deixou mais chateado sobre a cana, foi que, quando eu cheguei aqui e a gente foi cortar uma cana aqui pelos lados de batatais, aí eu falei pro cara assim, o dia que o cara foi medir, nós fomos começar, o primeiro corte, aí ele deixou um pedaço pra mim daqui nos tambor [de lixo] ali, aí eu falei assim pra ele, ele disse que aquele trecho era meu, dava cinco rua, cinco fileira de cana, aí eu achando que tava abafando, eu falei que daqui a pouco eu cortava aquilo todinho, aí eu perguntei quanto que dava tudo aquilo em dinheiro, aí ele falou pra mim se eu cortasse, e isso era cana deitada Bruno, ele disse se eu cortasse toda aquilo ia dar quatro reais, eu disse “quanto”, rapaz quando ele falou isso, eu disse meu deus do céu o que que eu vim fazer aqui, eu falei minha família vai morrer de fome, aí que e não dormi direito, era dez centavos o metro.

De modo geral, as explorações nos canaviais acarretaram em uma série de problemas, em especial na saúde destes trabalhadores. Contudo, sempre que o corte da cana é mencionado, suas memórias remontam a duas questões, por um lado a dor, o sofrimento, os problemas de saúde e, por outro, os ganhos financeiros. Sobre isto, o título da obra de Rogério Júnior, *A gente leva o dinheiro, mas fica o couro*, faz todo o sentido.

Foi através do corte da cana que Raimundo comprou sua primeira casa na cidade, também foi com a cana que João Barbosa e o pai de Manoel conseguiram trazer suas famílias para Orlândia, a cana possibilitou os tios de Tays ajudarem sua família. De maneira geral, os ganhos com a cana ajudaram as famílias dos migrantes no Nordeste, bem como permitiu que os migrantes na cidade adquirissem diversos bens – como por exemplo, carros, casas e eletrodomésticos. Em contrapartida, os custos para isso em saúde fazem refletir se compensou.

Maria Dalva²⁶, ao falar sobre isto, sintetizou muito bem a relação ganho e perda na cana de açúcar.

[...] teve nego aí ó que teve duas três casa cortando cana, por causa do podão, tem casa de aluguel, tem tudo, só que também vive um homem doente, aposentado, aca-

25 Optamos, partindo da proposta da História Oral, com autorização dos entrevistados, utilizar os seus nomes reais, na busca de dar visibilidade e “rostos” aos migrantes nordestinos.

26 Raimundo Nonato Pereira Alves, 55 anos, ex-safrista, atualmente operador de empilhadeira, natural de Valença-PI. Entrevista realizada em sua residência, na avenida Y, em 02 de fevereiro de 2020.

bou com a coluna, mas ele tem as casa dele, agora ele vive da aposentadoria e do aluguel das casas e tem a casa dele mora, tudo foi cortando cana, mas ta acabado...

Estas casas, como citadas por Maria Dalva, em sua maioria eram construídas no intuito de se alugar para futuros migrantes que chegassem a cidade e muitas estavam localizadas nas zonas periféricas de Orlandia - a região leste, bairros Jardim Santa Rita e Conjunto Habitacional José Vieira Brasão e região oeste, a “Vilinha”, bairros São João, Júlio Bucci e Jardim São Francisco.

Entre os nordestinos que “teve duas três casas” através dos ganhos a partir da cana, foi o senhor Francisco Chagas de Araújo²⁷, que chegou no município de Orlandia em 1984. Francisco, destaca que trabalhou no corte da cana por volta de três anos, e, após abrir uma vaga para trabalhar na usina, se candidatou e foi contratado. Permanecendo neste espaço, por volta de 20 anos, até se aposentar.

Segundo o migrante, o trabalho dentro da usina, não era tão pesado quanto nos canaviais, contudo a carga horária, turnos de 12 horas trabalhadas e folga de 12 horas, eram tão desgastantes como o cortar cana, o migrante relata que por muitas vezes o turno ultrapassou as 12 horas, chegando até mesmo a 16 horas trabalhadas diariamente. Francisco destaca, que nas usinas o salário era melhor, e através deste salário, conseguiu comprar sua primeira casa no município, assim como outros bens materiais.

Foi a partir do trabalho na usina, que o migrante conseguiu aos poucos “ir guardando um dinheirinho”, e partindo destas economias, passou a investir na compra de casas na periferia para alugar. Segundo ele, suas casas, na maioria das vezes, eram alugadas por migrantes nordestinos, especialmente por empreiteiros/recrutadores, para alojar os safristas/volantes, durante o período da safra.

De maneira geral, os relatos aqui apresentados evidenciam que estes trabalhadores, entre os anos de 1980-2010, encontravam-se muitas vezes em situação “análogas à escravidão”. Onde eram submetidos a intensas jornadas de trabalho que causavam grandes sofrimentos físicos, e, geralmente, os mesmos encontravam-se em condições degradantes.

A proposta deste texto foi de evidenciar as duras condições enfrentadas por migrantes nordestinos, sobretudo os safristas, no contexto da região do “mar de cana”, evidenciando assim um lado obscuro e muitas vezes ignorado do “progresso” causado pelo avanço da cana de açúcar no interior paulista.

Raimundo, João, Manoel (marido de Maria Dalva), o pai de Manoel e os tios de Tays, são sujeitos os quais saíram da região Nordeste em busca de trabalho e melhores condições de vida, contudo, mesmo encontrando nesta nova região o que lhes faltava em

27 ALVES, Francisco. Porque morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 03, 2006, p. 34

sua terra natal, os primeiros anos destes sujeitos foram marcados pela desenfreada exploração nos canaviais.

Se a vida nos canaviais possuía grande complexidade, na cidade de Orlandia, no seu cotidiano urbano, isto não foi diferente. Os migrantes nordestinos que optaram por ficar na cidade de Orlandia, como é evidenciado em alguns estudos exploratórios²⁸, sofreram com um intenso processo de estigmatização, que corroborou significativamente, para que estes migrantes, tivessem pouquíssimas possibilidades de trabalho fora dos canaviais.

Este artigo, buscou, em certa medida, contribuir com a já existente produção acadêmica sobre o trabalho, a migração e as implicações na saúde dos trabalhadores nos canaviais paulistas. Contudo, podemos dizer que este estudo ainda se configura enquanto exploratório, pois, existe poucas investigações da área da História, que se propuseram a discutir e debater tais questões. Compreendemos assim, que ainda existe, pelo menos para os estudos historiográficos, um longo caminho a ser trilhado.

4. Considerações Finais

O presente artigo, propôs realizar uma reflexão acerca da migração nordestina para a região do chamado "mar de cana", região metropolitana de Ribeirão Preto, em especial, dedicamos atenção aos migrantes no município de Orlandia.

Em um primeiro momento, através do tópico "mar de cana", contextualizamos o processo histórico de desenvolvimento econômico desta região a partir ampliação do complexo canavieiro nas últimas três décadas do século XX.

Em sequência, a partir da narrativa de alguns migrantes, buscamos analisar e problematizar aspectos acerca do trabalho nos canaviais, as relações de tensão entre trabalhadores e empreiteiros, o corte da cana e suas implicações a saúde dos cortadores (física e mental), assim como demos atenção a aspectos do cotidiano migrante fora dos canaviais, em especial destacando suas vivências com os espaços de moradia (suas residências).

Atualmente, os estudos sobre estas questões, apresentadas ao longo do texto, com certa atenção para as questões que envolvem o trabalho de migrantes nos canaviais, é tema recorrente em estudos das áreas da saúde e das ciências sociais, contudo, pouco explorado nos estudos historiográficos. De modo geral, nos estudos das áreas da sociais e da saúde, estes sujeitos, são expostos através de números, tabelas, porcentagens, deixando de lado a dimensão subjetiva, suas experiências e trajetórias.

Da mesma forma, a História, pouco se debruçou sobre as questões que envolvem o cotidiano migrante nas cidades onde estes residem no Estado de São Paulo, e desta forma,

²⁸ ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros:** cotidiano e representação. São Paulo: Humanitas/Educ, 2003, p. 163-165.

ignoram o complexo emaranhado de experiências que envolve as relações entre migrantes e moradores locais.²⁹

Assim, o presente artigo pode ser considerado enquanto um estudo exploratório sobre as questões apresentadas até aqui. Ainda existe um longo caminho a ser percorrido para os estudos historiográficos, em especial no que se refere a ampliação de estudos sobre outras cidades do “mar de cana” (e para além dele), que possibilitem construir questões mais gerais e ao mesmo tempo dar destaque as especificidades, as trajetórias e narrativas de outros migrantes.

29 NUNES, Danielle Milenne Príncipe; SILVA, Marcelo Saturino da; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. A experiência de trabalho e dos riscos entre os trabalhadores-migrantes nordestinos nos canaviais paulistas. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 04, 2016, p. 1133.